ISSN: 2358-8829

# O APOGEU E A DECADÊNCIA DA FAZENDA NAS CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA: LITERATURA, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Eric Gabriel de Lima Santos [1]

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a economia nordestina enfrentou, ao longo do tempo, diversos períodos de ascensão e de queda. Desde o Brasil Colônia (1500) até a sociedade moderna, a fazenda tem servido como um espaço de subsistência e de memória regional e cultural. No entanto, o clima e as condições trabalhistas e sociais tanto cristalizaram o pináculo das regiões agrícolas quanto ocasionaram a sua ruína.

Nesse viés, é relevante pontuar que entre os fatores que contribuíram para decadência das fazendas, destacam-se as mudanças nas estruturas de poder da sociedade. De acordo com Gilberto Freyre (2003), a estrutura da fazenda patriarcal representava o núcleo da sociedade, explorando as questões de raça, de gênero e de classes sociais. Apesar de Freyre ter como objeto de estudo a casa-grande escravocrata, as similaridades dos espaços de poder ficam nítidas ao serem observadas:

> A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater familias, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lavapés); de política (o compadrio). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. (Freyre, 2003, p. 36).

Neste trabalho, o termo "ciclo da fazenda" refere-se ao período em que a economia rural, baseada no plantio e na criação de gado, estruturava a vida sertaneja. Todavia, fatores como a modernização e o êxodo rural contribuíram para o declínio desse modelo. Além disso, salienta-se que o declínio já mencionado não diz respeito apenas aos fatores geográficos e concretos, como a substituição da tradicionalidade pelos métodos modernos

[1] Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eric.lima@aluno.uepb.br

ISSN: 2358-8829

e a sucessão do homem pela máquina, mas também ao próprio declínio humano, o qual se manifesta por meio da nostalgia e da ausência de pertencimento.

Nesse sentido, percebe-se que a fazenda não é apenas um símbolo de economia e de opressões, mas também se configura como um espelho cultural e regional, o qual está presente na memória da população e influenciou diversos movimentos, por exemplo, o artesanato, a culinária e a música. Nesse contexto, a música popular brasileira, especialmente a nordestina, desempenha um papel fulcral na construção e na preservação da memória cultural. À luz disso, Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) natural de Exu, município de Pernambuco, destaca-se como um dos principais intérpretes da realidade sertaneja. Canções como *Assum Preto (1950)*, *Asa Branca (1947)* são alguns exemplos que evidenciam os aspectos do cotidiano dos trabalhadores, incluindo o funcionamento das fazendas, suas práticas produtivas e, sobretudo, sua decadência ao longo do tempo, mencionando, também, que simboliza o Nordeste: *A Morte do Vaqueiro (1963)*. Gonzaga transforma essas alterações em músicas que narram a vida sertaneja, as mudanças climáticas, as desigualdades estruturais, a violência à fauna e a saudade das plantações e do trabalho no campo. Logo, compreender como a canção gonzagueana relata o ciclo da fazenda e suas transformações socioculturais no Nordeste brasileiro é de suma relevância para uma análise minuciosa da obra do autor. Esta pesquisa busca entender como a obra gonzagueana é um veículo que representa o ciclo das fazendas e proporcionar pertencimento àqueles mais vulneráveis geograficamente.

No desenvolvimento teórico, voltado ao campo da crítica literária, os trabalhos do jornalista Xico Nobrega (Francisco Antônio Vieira da Nóbrega) foram fundamentais para a estruturação da base metodológica, bem como para a fundamentação da vida do cantor e para a compreensão de suas músicas. Ademais, foram utilizados estudos do campo da sociologia, história, e filosofia, com autores como Antônio Cândido (2006), Pierre Bourdieu (2014), Karl Marx (2013) , Gilberto Freyre (2003), Mikhail Bakhtin (2016), Aristóteles (2008) , Milton Santos (2026) e Xico Nobrega (2025). Tal referencial teórico tem o intuito de situar o leitor a respeito dos contextos históricos, sociais, econômicos, literários e discursivos tanto da época como do próprio artista. Diante disso, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que maneira as canções de Luiz Gonzaga representam o ciclo da fazenda e contribuem para a construção da memória e do pertencimento cultural nordestinos?

ISSN: 2358-8829

## METODOLOGIA

Este trabalho fez uso de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e interpretativo, a qual teve como propósito analisar e interpretar as canções do cantor, instrumentista e compositor Luiz Gonzaga. O *corpus* da análise é composto por canções do autor, as quais abordam diretamente ou indiretamente a temática do sertão, da fazenda e da vida rural e de suas transformações, com foco em *Assum Preto* (1950), *Asa Branca* (1947) e *A Morte do Vaqueiro* (1963). A análise das letras foi feita conforme o método de Bardin (2014), desenvolvida em três etapas: (i) pré-análise, na qual foi realizada a leitura geral das canções e definida a constituição do corpus; (ii) exploração do material, com a identificação e categorização de elementos recorrentes, como seca, trabalho rural, memória, flora e fauna, e ocorrência de metáforas; (iii) tratamento dos resultados e interpretação, etapa em que as categorias identificadas foram analisadas à luz do referencial teórico, buscando compreender as representações do sertão, da fazenda e das transformações socioculturais presentes na obra de Luiz Gonzaga (Bardin, 2016).

Essas produções musicais foram selecionadas, porque, a partir de uma exploração bibliográfica da obra do cantor, constatou-se que elas tratam da temática central da pesquisa e relatam o auge e a queda das fazendas de cana-de-açúcar e o pertencimento cultural de maneira conotativa.

## APOGEU: A BELEZA E OS CONFLITOS INTERNOS DA FAZENDA NA CANÇÃO *ASSUM PRETO*

Como já mencionado, a obra gonzagueana não apenas configura-se como um retrato da vida e da cultura sertaneja, mas também compreende uma expressão das dinâmicas dos espaços rurais desde a sua criação até o seu declínio. Desse modo, a canção *Assum Preto*, interpretada por Luiz Gonzaga e composta em parceria com Humberto Teixeira, constitui uma representação simbólica do ápice da fazenda em sua beleza natural e, de forma simultânea, a violência estrutural que não atinge apenas a área geográfica, bem como gera efeitos à fauna e aos sujeitos que dela dependem. Ao analisar os versos iniciais:

> Tudo em vorta é só beleza
> Sol de abril e a mata em frô
> Mas Assum Preto, cego dos óio

ISSN: 2358-8829

Num vendo a luz, ai, canta de dor [...] (Gonzaga, 1950)

Observa-se um cenário marcado pela harmonia e pela exuberância natural. No entanto, essa representação se torna tensa ao se adicionar a figura do Assum preto, descrito como “cego dos óio”. Isso estabelece um contraste entre a plenitude e a violência à fauna. Dessa maneira, a valorização da paisagem não se sustenta de modo absoluto, uma vez que evidencia suas contradições de agressão e desumanidade.

> Mas Assum Preto, cego dos óio
> Num vendo a luz, ai, canta de dor
> Tarvez por ignorança
> Ou mardade das pió
> Furaro os óio do Assum Preto
> Pra ele assim, ai, cantá mió (Gonzaga, 1950).

Nos trechos apresentados, pode-se notar que apesar de haver uma paisagem esbelta, o Assum preto não a enxerga porque está cego. A figuração da cegueira da ave serve tanto como uma denúncia da violência contra os animais quanto uma conotação que exemplifica a cegueira simbólica associada às estruturas de exploração no meio rural. Tal fenômeno pode ser compreendido porque a cultura de exploração se faz muito presente nas terras de cultivos, levando os latifundiários a uma cegueira simbólica, isto é, enxergam apenas o que pode ser extraído da fazenda e isolam aquilo que já é belo por natureza.

Ademais, ainda no escopo da canção, evidencia-se que a fazenda à medida que serve de subsistência para o sertanejo, também resulta na sua falta de liberdade. Segundo o pensador Pierre Bourdieu, estruturas de poder da sociedade, por exemplo, as escolas, os quartéis, as universidades e a própria fazenda, fomentam a “violência simbólica”, isto é, violentam os indivíduos sem usar o plano físico (Bourdieu, 2014). Apesar de ser um conceito amplamente discutido na esfera educacional, tal estudo ajuda a compreender como as formas de opressão são efetivadas nas instituições sociais. À luz desse conceito, as hierarquias das dinâmicas de trabalho são expressas por meio da função trabalhista, ou seja, o dono de terras (hierarquia maior) está numa posição superior ao lavrador (hierarquia menor).

Nessa lógica, partindo de uma abordagem de níveis distintos de análise social, paralelo à manifestação alegórica da violência proposta por Bourdieu, evidencia-se a funcionalidade do modelo econômico vigente. Posto isso, essa lógica de opressão pode ser explicada através do sociólogo Karl Marx, o qual evidenciava como a sociedade era

estruturada em classes de dominação e de dominados, o que seria um movimento fortalecido pela revolução industrial. Na obra, Marx argumenta: “O capital é trabalho morto que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga.” (Marx, 2013, p. 393).

À luz dessa conjuntura, o excesso de trabalho informal não resulta em benefícios e garantias para aqueles que de fato formam a fazenda: os trabalhadores. Nesse viés, há apenas a sensação de uma falsa liberdade. Em *Assum preto*, o estudo de Bourdieu e de Marx permitem interpretar as condições de vida dos povos que vivem e necessitam da fazenda para sobreviver. A dependência do ambiente agrícola custa a liberdade dos trabalhadores. Isso fica evidente no trecho:

> Assum Preto veve sorto
> Mas num pode avuá
> Mil vez a sina de uma gaiola
> Desde que o céu, ai, pudesse oiá (Gonzaga, 1950)

Portanto, a canção possibilita que o seu interlocutor ouça e cante sem se atentar, por vezes, ao que está denunciando as belezas e os sofrimentos íntimos da fazenda. Ao articular a violência simbólica, de acordo com Pierre Bourdieu, e a lógica da exploração do trabalho de Karl Marx, a partir da leitura crítica da letra, nota-se que a experiência da fazenda não se restringe à dimensão produtiva, assumindo também um caráter social.

## DECADÊNCIA: CRISE DA TERRA E QUEBRA DO CICLO PRODUTIVO NA CANÇÃO *ASA BRANCA*

Sobre o viés das ideias supracitadas, nota-se que a literatura de Luiz Gonzaga marca com precisão os fenômenos relacionados ao ciclo da fazenda. Cabe aludir que a inferência das obras de Gonzaga está além da compreensão superficial dos fatos, isto é, para decodificar as metáforas, as referências e as variações linguísticas, o interlocutor necessita de uma leitura e compreensão mais aprofundada para que a intenção textual da música seja alcançada no seu ápice. Segundo o filósofo Mikhail Bakhtin, o gênero textual discursivo complexo (músicas, poemas, etc) surge, a priori, de um texto simples, ou seja, um texto (ou diálogo) do cotidiano (Bakhtin, 2016). Sob essa lógica, entender que as obras de Gonzaga nascem de situações atreladas ao cotidiano sertanejo permite que o interlocutor compreenda as figuras metafóricas e a identidade linguística.

ISSN: 2358-8829

Assim, a literatura gonzagueana se configura como textos complexos, mas que partem do cotidiano e carregam consigo as múltiplas vozes do povo do campo. Nessa lógica, como fora desenvolvido anteriormente, a canção *Assum Preto* relata a beleza apoteótica da fazenda e, de maneira conjunta, os conflitos e os imbróglios — isto de maneira metafórica. De maneira equivalente, na canção *Asa Branca,* Luiz Gonzaga consegue sintetizar e bradar o quotidiano bucólico. Nos versos iniciais, a saudade de uma terra fértil e produtiva é o principal recurso de comoção.

> Quando olhei a terra ardendo
> Quá fogueira de São João
> Eu perguntei a Deus do céu: Ai
> Por que tamanha judiação? (Gonzaga,1947)

Na estrofe introdutória, o músico, atrelado à festividade de São João, fortemente valorizada pela cultura nordestina, questiona as mazelas enfrentadas pela população sertaneja e pela terra. Faz-se mister pontuar que o artista descreve a terra como um organismo semelhante ao homem, capaz de sentir e sofrer os impasses climáticos — principalmente a seca, a qual assolou o Nordeste durante a história e que serviu como inspiração não só para Luiz Gonzaga, mas também para escritores brasileiros renomados, a exemplo da romancista Rachel de Queiroz (1910–2003). Outrossim, na estrofe destacada, o clamor religioso constitui-se como um símbolo da nordestinidade, isso pois o povo da região Nordeste é permeado pela religiosidade, em destaque a cristã. Essa religiosidade se explica à medida que os sofrimentos vividos pela população, como a seca, a fome e as desigualdades, provocam a necessidade de um alicerce, o qual, na maioria das vezes, é vinculado à temática religiosa. Nesse sentido, observam-se as manifestações de pertencimento entre a terra e o nordestino.

Nas duas estrofes subsequentes, o autor explana de maneira clara os óbices do sertão, priorizando a seca. Tal seca passa a ser motivo não só de sofrimento e lamento, como de desistência. Na segunda estrofe, Gonzaga destaca a crise hídrica e o sofrimento:

> Que braseiro, que fornaia’
> Nenhum pé de prantação’
> Por farta’ d’água perdi meu gado Morreu
> de sede meu alazão
> Por farta’ d’água perdi meu gado
> Morreu de sede meu alazão (Gonzaga, 1947)

ISSN: 2358-8829

Comparando o ambiente sertanejo a uma fornalha, Gonzaga manifesta os altos índices de temperatura, característico do sertão. Ele também destaca um dos principais fatores que ocasiona a decadência das fazendas: a pobreza econômica. Ao mencionar a morte do gado e a falta de água, o cantor descreve as causas que resultam no declínio agrícola. Além disso, é evidente como a seca rompe de maneira violenta com o pertencimento sertanejo. Isso ocorre, porque em razão das secas extremas, os nativos são obrigados a migrar em busca de condições melhores.

Consequentemente, na terceira estrofe, o artista, ao usar a figura da Asa Branca, espécie de ave predominante da América do Sul, faz alusão à migração forçada dos nordestinos, os quais buscavam melhores condições de vida em outras regiões.

> Inté mesmo a asa branca
> Bateu asas do sertão
> Entonce eu disse, adeus Rosinha Guarda
> contigo meu coração
> Entonce eu disse, adeus Rosinha
> Guarda contigo meu coração (Gonzaga, 1947)

A seca, as disparidades sociais e a fome foram alguns dos fatores que corroboram o deslocamento populacional forçado. A figura da amada que permanece no sofrimento enquanto o sertanejo apaixonado busca alternativas de emancipação em outras regiões é mais uma articulação do ambiente fazenda e do saudosismo sofrido pela população. A imagem romântica está mais atrelada ao sentimento entre homem e terra do que entre homem apaixonado e sua amada. No entanto, esse romantismo musical permite, por intermédio de uma análise crítica, verificar como o amor mencionado pelos cantores está atrelado ao pertencimento do homem com a sua terra amada. Dessa forma, a obra de Luiz Gonzaga é um tecido metafórico, no qual o cantor usa de diversos recursos estilísticos para dialogar com o público a respeito do ciclo da fazenda.

Sob a ótica das ideias discutidas, na penúltima estrofe, Gonzaga expressa a saudade e o pertencimento de uma terra que na qual subsistência não se presente. Uma fazenda em que a vida se torna precária e perigosa. Porém, há a esperança de retorno por meio da chuva, a qual traz um prenúncio de vida e de volta. Diante da análise dos versos da estrofe mencionada, fica evidente o saudosismo e as faíscas de esperança:

> Hoje longe, muitas légua
> Numa triste solidão

ISSN: 2358-8829

Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão (Gonzaga, 1947)

No exposto apresentado, a figura da Asa Branca permanece presente, mas de maneira sucinta. O homem mimetiza a ave, que volta para suas origens de acordo com a situação climática e das condições de existência do local. Assim como a Asa Branca, o sertanejo tem sua vida à mercê da terra, pois, sem ela, sua existência humana e, principalmente, subjetiva é incompleta. Dito isso, conclui-se o valor do território para a preservação e o acolhimento de um povo.

Por fim, na última estrofe, Gonzaga expõe a emoção de poder voltar a sua terra e presenciar a vasta e verde flora do local, que antes era acometida pela seca e pela devastação:

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro, não chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração (Gonzaga, 1947)

Desse modo, Luiz Gonzaga consegue, por meio de metáforas, comparações e personificações, fazer da fazenda e do sertanejo um só elemento, isto é, dois seres de existência próprias, mas que encontram sentido existencial na correlação. Segundo Aristóteles em sua obra *Poética*, com seu conceito de mimesis, relata que o homem tenta representar a vida na sua arte:

> Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações (Aristóteles, 2008, p. 42).

Assim, é perceptível que Gonzaga não só decodifica o sertão e a fazenda para aqueles que não as conhecem, mas emerge o ouvinte nordestino em uma vereda de sentimentos muito restritos de quem já viveu as situações mimetizadas nas canções, transformando as vivências e as realidades em produção cultural.

## *A MORTE DO VAQUEIRO:* O HINO E O GRITO DO NORDESTE

ISSN: 2358-8829

Mediante as discussões anteriores, um destaque pertinente para esta pesquisa é que a obra de Luiz Gonzaga não se limita apenas ao ambiente da fazenda e das festividades, com as ideias de apogeu e decadência já discutidas, já que uma grande temática, que também abrange os aspectos do ciclo da fazenda, presente na literatura nordestina e, em especial, a obra gonzagueana é a literatura de pertencimento.

De acordo com Milton Santos, o sentimento de pertencer nasce da relação das pessoas com o lugar onde vivem e com as experiências que constroem nesse espaço. Para o geografo, o lugar vai além dos espaços físicos, por exemplo, as tradições, as variações linguísticas, a culinária e os costumes ajudam as pessoas a se reconhecerem como parte de uma comunidade (Santos, 2023).

À luz dessa percepção, a música *Morte do Vaqueiro,* composta por Luiz Gonzaga e Nelson Baralho, configura-se como uma das mais expressivas em relação ao pertencimento e à identidade sertaneja. Mais do que narrar a perda de um trabalhador rural, a composição transforma o vaqueiro em um símbolo da cultura nordestina e de uma memória fortemente enraizada no sertão nordestino. Isso pode ser compreendido ao investigar os versos que compõem a introdução da música:

Ei, gado, oi

E, ei

Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo (Gonzaga, 1963)

Na estrofe apresentada, é perceptível a evocação do cantor para o seu interlocutor com o fragmento “Ei, gado, oi/E, ei”. Um trecho que mostra o prenúncio do sofrimento que será narrado no corpo da canção e que funciona como um berrante que evoca não só o ouvinte, mas também toda a cultura do Nordeste. Apoiando-se nesse recurso de abertura, observa-se a função simbólica e significante desse chamamento inicial. O aboio, tradicional canto usado pelos vaqueiros para conduzir rebanhos, é retomado por Gonzaga como um elemento identitário que remete ao sertanejo, à fazenda e à cultura de pertencimento. A expressão “Ei, gado, oi” desperta, no imaginário do ouvinte, as práticas

ISSN: 2358-8829

e as memórias que constituem a cultura do sertão. Sob essa perspectiva, o vaqueiro não pertence exclusivamente ao espaço físico da fazenda, mas ao conjunto de relações sociais, culturais e afetivas que constituem o lugar.

Outrossim, a canção produz uma progressão temática ainda mais melancólica quando introduz a morte do vaqueiro, que dá nome à canção. Logo, percebe-se que essa morte pode ser interpretada como um símbolo de uma experiência coletiva marcada pelo esquecimento e pelo abandono. Essas ideias são presentes nos versos:

> Bom vaqueiro nordestino
> Morre sem deixar tostão O
> seu nome é esquecido
> Nas quebradas do sertão
> Nunca mais ouvirão
> Seu cantar, meu irmão (Gonzaga, 1963)

Nessa estrofe destacada, é notável a lamentável situação em que o sertanejo está imerso. No momento de sua morte, há uma retrospectiva dos feitos realizados ainda em vida, porém a quebra de expectativa acontece quando a canção relata que o vaqueiro nordestino não conseguiu deixar montantes financeiros após a sua morte. Além disso, Gonzaga destaca um dos eixos principais da música: o esquecimento. Nos versos "O seu nome é esquecido / Nunca mais ouvirão / Seu cantar, meu irmão" evidencia-se a tristeza que assola o sertanejo é o esquecimento e a insignificância da morte de mais um operário do meio rural. Na última estrofe, o sofrimento ganha uma reafirmação ainda mais forte:

> Sacudido numa cova
> Desprezado do Senhor
> Só lembrado do cachorro
> Que inda chora
> Sua dor
> É demais tanta dor
> A chorar com amor (Gonzaga, 1963)

Desse modo, a canção funciona como um ato de resistência contra o apagamento da memória do trabalhador rural. Na contemporaneidade, a música é amplamente disseminada como um hino de representatividade do Nordeste. Nesse ínterim, é pontual como Gonzaga transformou o desprezo e o apagamento da figura do vaqueiro em um grito de pertencimento e existência. Nessa perspectiva, a música funciona como um espaço de preservação da cultura e da memória. Conforme Antônio Cândido (2006), a obra literária

ISSN: 2358-8829

estabelece um diálogo permanente com a realidade social e histórica, o que reflete as experiências humanas:

> A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Cândido,2006, p.84).

Nesse sentido, a obra de Luiz Gonzaga é um exemplo desse diálogo ao colocar a figura do vaqueiro como ser principal da narrativa, pois, assim, o autor não apresenta apenas a condição do trabalhador rural, como também preserva sua memória e denuncia o processo de invisibilidade, tornando a canção um hino de pertencimento e memória para o povo e para a cultura nordestina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este estudo teve como objetivo analisar a representação do apogeu e a decadência da fazenda na canção gonzagueana, considerando e interpretando as músicas como manifestações culturais capazes de registrar fenômenos sociais, econômicos, ecológicos e geográficos. A análise evidenciou que as canções selecionadas retratam, de maneira simbólica e poética, tanto o período de prosperidade agrícola quanto a decadência desse monumento simbólico e as modificações resultadas pela seca, pela migração e pelas mudanças socioeconômicas da região.

A análise demonstra que as canções de Luiz Gonzaga ultrapassam a bolha artística, sendo um veículo de denúncia, pertencimento e memória. As letras que serviram de material para esta pesquisam revelam como o espaço rural, representado pela fazenda, passa por transformações que afetam as relações sociais, o trabalho e a identidade nordestina. Este trabalho torna-se importante à medida que pode auxiliar tanto os pesquisadores da área da literatura quanto a própria comunidade a analisarem de maneira crítica a função da literatura diante da sociedade.

Assim, conclui-se que a obra de Gonzaga se configura como uma importante fonte para estudos literários, antropológicos, sociológicos e culturais, o que permite compreender a estreita relação entre a música, a sociedade, o espaço geográfico e a história. É de grande interesse que esta pesquisa contribua para as futuras investigações

sobre a produção artística do Rei do Baião e incentive outras análises acerca da identidade nordestina, das áreas geográficas e dos fenômenos socioculturais e socioeconômicos na música brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 42.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CANDIDO, Antonio. **O escritor e o público.** In: **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 83 – 98.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. Ed. São Paulo: Global, 2003.

LETRAS. **Assum Preto; Asa Branca; A Morte do Vaqueiro**. Disponível em: https://www.letras.mus.br. Acesso em: 26 abr. 2026.

MARX, Karl. **Capítulo 8 – A jornada de trabalho**. In: MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 390 – 467.

NÓBREGA, Xico. **O Reino do Baião: personagens, obras e o Nordeste.** Campina Grande: EDUEPB, 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2023.